

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRASIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO SALOMÃO SÁRAGGA
7, rue du Centre, Paris

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

VOL Iº.

PARIS, 31 DE JANEIRO DE 1878:

NUMERO 6.



Nasceu aos 20 de Março de 1820

VICTOR MANUEL II, REI DA ITALIA

Faleceu aos 9 de Janeiro de 1878

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris	Guilhermino de Sá.
Victor Manuel	Mendes Leal.
Ruy Dias	Bulhão Pato.
O Caminho do Dever	
A Gaveta dos Segredos	
William Shakespeare	Guimaraes Torrezão.
O Aguaceiro	
Paulo Janquard	L. Méry.
Roma, Antiga e Moderna	
A Defesa da Bandeira	
Revista Bibliographica	João Tedeschi.
Variedades	

GRAVURAS

Victor Manuel. — O Caminho do Dever. — A Gaveta dos Segredos. — O Aguaceiro. — Roma, Antiga e Moderna. — A Defesa da Bandeira.

CORREIO DE PARIS

Emfim já lá vae. Passou o tal dia que nós chamamos de Anno-Bom. Aqui em França é possível que o anno venha a ser bom, mas o tal dia é terrível. A cada instante chegam cartas, bilhetes de visita, cumprimentos, saudações e parabens. É um cortejo sem fim á porta d'um pobre cidadão, que não sabe já, por ultimo, para onde se ha de voltar. Quando já se não pôde mais, tem uma pessoa então que resolver-se a tambem tomar parte no cortejo, e ir visitar, por seu turno, os amigos mais intimos e as pessoas de mais consideração. Aqui começam as dificuldades. A primeira a vencer é encontrar uma carruagem. A segunda é que o cocheiro consinta em que a gente se metta dentro d'ella. A terceira é que elle concorde em levar-nos aonde queremos. Se é longe, não ha supplicas nem ameaças que o demóvam do seu proposito de não fazer andar o cavallo. O que lhe convem n'um dia d'estes, é um freguez para uma corrida muito perto, quando muito de dez minutos; depois, em lá chegando, tomar outro, e assim sucessivamente. Em qualquer outra occasião poder-se-hia recorrer á polícia, mas n'este dia ella propria reconhece a sua inferioridade em lutar com elles. É um regaço para uns e um tormento para outros. A primeira vista, parece axiomatico, que aonde ha *longes* ha *pertos*. É um engano. Em Paris não ha nada que fique perto. Tudo é longe. A unica resolução a tomar é a de se pactuar com o cocheiro e deixá-lo ir até aonde elle quizer. Ahi apeiar-se, tomar outra carruagem, e ir assim trabalhando até se acabar o dia. Talvez que o anno seja bom, mas que dia tão máo!

N'este paiz democrata festeja-se o *dia de Reis* como em nenhum outro. Todas as casas possuem um rei nomeado à sorte, a quem todos obedecem passivamente.

A mesa está adornada com os presentes do Natal e Anno-Bom; as laranjas elevam-se em pyramides rubras, reflectindo a luz do candiçario; os doces, os confeitos, as amendoas e os *bonbons* de todas as côres scintillam, formando mil arabescos, e aliciando a cobiça das crianças. Ao centro, um bolo enorme, que se ha de dividir depois em partes iguaes por todos os convivas, contendo uma d'ellas a *fava* tradicional. A cabeceira da meza, presidindo ao banquete, está o patriarcha da familia, avô

dos pequenos e paes dos mais velhos. São todos parentes. Não haja receio que os estranhos os ridicularisem á despedida, ao descer a escada. Afinal chega o momento. Reparte-se o bolo. Quem tem a fava? Todos olham uns para os outros. Por fim descobre-se aquelle a quem ella caio. E todos riem e todos folgam. Muitos abraços, muitos beijos, muitas ternuras, muita alegria, muita festa, e alli, ao som d'aquelle vozaria e do estampido das garrafas de *Champagne* é proclamado rei o feliz da sorte. *El-rei bebe!* *Vira o rei!*... No meio d'aquelle grita *el-rei* ordena ao patriarcha da familia, ao avô octogenario, que cante a modinha que cantou no dia do casamento, ha cincoenta annos. O velho obedece. E então, empunhando o copo com uma das mãos, e levantando a outra emphaticamente, entoa a velha canção dos seus tempos, que vae echoar pelos cantos d'aquelle aposento, pouco accostumado a taes cantigas. Ao som dos aplausos, o pobre velho chora de alegria. Bravo! bravo! *Vira o rei!* e todos se abraçam e todos se beijam outra vez entre mil gritos jubilosos. É este o momento psychologico, escolhido pelo mais pequeno da familia, para ir limpar as mãosinhos, lambuzadas d'aquelle mixto singular formado pela laranja e pelos doces, á saia do vestido de seda mais claro que encontra. Ninguem dá por isso no meio d'aquelle alegria. E ao despedirem-se, muitos adeuses, e até amanhã, e até domingo sem falta. Assim finda aquella festa, que nada tem de *high-life*, mas que nem por isso deixa de ser a que mais une os laços das familias burguezas de França.

Com o dia de Reis desappareceram as duas fileiras de barracas, que, havia trez semanas, estavam estabelecidas nos passeios dos *boulevards*. Intitula-se esta feira, a feira do Anno-Bom (*du jour de l'an*). Houve este anno 1150 barracas, vendendo uma grande variedade de objectos, mas principalmente os chamados *artigos de Paris*. A nomenclatura do *artigo de Paris* é infinda. Nunca ninguem a conheceu. Duas vidas não seriam bastantes para a escrever. Compõe-se de objectos de enfeite, ornamento, vestuario, e não sei que mais. Assim, relogios são *artigos de Paris*. Botões para calças são *artigos de Paris*. Jardineiras para pôr flores, tambem. Molduras para quadros, tambem. Colchetes, tambem. Uma exposição completa de *artigos de Paris*, se coubesse nas forças humanas fazê-la, apresentaria um espectáculo quasi tão variado como o da orthographia portugueza.

Estamos no mez em que mui raros estrangeiros saem de Paris. Quem está, fica. Não posso perceber que amor se possa ter a uma temperatura d'estas. Não ha remedio senão a gente mover-se. Para isso é preciso sair á rua. Que horror! Ha pedegrulhos de gelo, por essas valetas, que mettem medo. Malditos, e ha quem goste d'isto. Dizem que faz bem á saude, que enrija a fibra. Importa-me bem com o que elles dizem. Que opiniões se pôde ter com um frio d'estes que *gela as convicções no fundo d'alma?* Chega-se a descrever que haja calor no universo. Vejam lá se os missionarios vão tanto para os paizes frios, como para os paizes quentes. Por modo nenhum. Quem haviam elles de converter com uma temperatura de 20 gráos abaixo de zero? pois se com 4 gráos a agua tor-

na-se em pedras, o que não ha de succeder aos corações. Ah! meu rico Portugal. Com que saudades me lembro eu da aula de *Chorografia Portuguesa*. Perguntava-me o professor: Quaes são as cidades da província do Algarve? e eu respondia: Faro, Lagos, Tavira e Silves. Se me perguntassem agora não empregaria a *copulativa* e, empregaria a *disjunctiva* ou para corresponder á minha idéa fixa. Assim, diria: Faro, Lagos, Tavira ou Silves: Qualquer d'ellas me convinha para habitar no inverno. Não são terras, em que um homem, só por atravessar a rua, pareça um padeiro coberto de farinha, como acontece aqui com os lindos efectos da neve que cae em flocos. E queixam-se ainda de que os franceses são indiferentes em materia de religião! Podéra.

Parece que ao casamento do rei de Hespanha foi gente das quatro partes do mundo. No meio d'aquellas festas, toiradas, illuminações, recitas de gala e torneios, só uma coisa era difícil: encontrar-se aonde dormir. Madrid tem quatro centos mil habitantes quando não ha casamento real; mas quando ha um acontecimento d'estes afflue os estrangeiros e os *forasteros*, o que dá em resultado não haver camas para tanta gente. As que havia nos hoteis fôram vendidas por dez vezes o seu pezo d'ouro. Os donos das hospedarias de Madrid, n'esta conjuntura excederam-se a si e a tudo quanto estava escripto a este respeito nos annaes das *fondas*. Paris, na época da exposição, ficará a mil légoas de distancia, no que respeita a façanhas d'esta ordem. Os malvados aproveitaram a occasião do enlace de duas innocentes creanças para apresentarem aos pobres viajantes umas contas taes, que hão de ser consideradas para toda a eternidade como verdadeiros monumentos da iniquidade humana.

Os mortos illustres avisam-nos que nos preparemos se quizermos deixar o nome que elles deixaram. Ai de nós! Está por ventura na nossa mão o fazermos o que elles fizeram? Basta querer para se ser illustre? É celebre quem o quer ser? Decerto que não.

Courbet, o grande pintor, morreu novo ainda. Não era um artista na accepção rigorosa da palavra, mas deixa uns poucos de quadros em que revelou um grande talento de pintor. Morreu no exilio por se ter mettido em assuntos de que não entendia nada. Resolveu demolir a columna da praça Vendôme, porque, alem de outras razões, não era artistica. Pois tambem ella não estava alli como objecto d'arte. Estava por outros motivos. Esses motivos subsystem. Um dia, quando as nações não forem inimigas umas das outras, se o tempo a não tiver derrubado ainda, alguem a fará caír para não mais se levantar; mas por ora é cedo. Antes que isso succeda, a posteridade terá esquecido que foi elle o demolidor da columna, para só se lembrar dos quadros que produziu aquelle homem de talento.

Do General Cousin de Montauban, Conde de Palikao, conta a historia coisas, que parecem lendas. Ha o que quer que é de legendario naquella façanha heroica da tomada do palacio do Estio na China. É necessario não se entrar nas minucias, para se entender bem como aquillo foi. Para se appreciar devidamente aquelles feitos, é melhor encaralhos de longe, bem englobados, assim como uma poeira luminosa

que se avista a grande distancia. Tracta-se de meia duzia de homens, que, tomaram de assalto o imperio mais populoso da terra, deitaram fogo ao melhor palacio que por lá havia, e voltaram á patria cobertos de gloria e de outras coisas mais.

Outro morto illustre foi o celebre Raspail. Era um esforçado lidador no campo da scienca e da politica. Fiel aos seus principios, por elles sofreu, e por elles passou uma parte da vidas nas prisões. Os seus adversarios politicos não vêem no adversario o sabio eminente, o chimico illustre, que consumio a vida trabalhando para ser util á humanidade.

Este exemplo e outros semelhantes não nos devem entristecer nem alegrar. São apenas a melhor lição para nos convencer de que devemos tomar a vida a sério. O homem não nasceu para ser feliz. O unico lenitivo que pôde minorar-lhe as dôres com que é lanceado na batalha da vida, só o pôde encontrar na satisfação de ter cumprido o seu dever, ou na de ter consolado os que vivem mais afflictos do que elle.

No termo da carreira, ainda nenhum pôde dizer que foi feliz. Mas as idéas que os mais illustres nos legaram, autorizam-nos a dizer : Bemaventurados aquelles que ao inclinarem pela ultima vez a cabeça no travesseiro, ainda aspiram ao ideal que lhes servio de norte durante a vida.

GUILHERMINO DE SÁ.

VICTOR MANUEL

Na plenitude do vigor e apenas na madurez dos annos, o Rei Victor Manuel desceu inopinadamente á terra. Paz á sua alma!

A sensação dolorosa e profunda que a triste nova difundiu por toda a Europa, a espontaneidade das manifestações que rodearam o seu férretro, atestam a valia em que era tido e sam-lhe a melhor oração funebre.

Não nos é dado traçar mais do que uma singela e rapida commemoração. Não cabe aqui a narrativa e apreciação dos feitos de tal vida. As paixões e interesses, que em torno se lhe agitaram, salvas raras exceções, emmudeceram naturalmente á beira do seu tumulo. Das sombras d'elle se levantarã a aurora da historia, alvôr de justiça para todos.

Por emquanto, só ha olhos para contemplar esse vulto subitamente prostrado, que o mundo saúda, e a quem a Italia chama grande!

É o vulto de um rei e de um homem. Naquella face guerreira scintillou um olhar penetrante; n'aquelle peito robusto bateu um coração magnanimo. Ali a austera rigidez militar abrigava a sagacidade d'um espirito subtil e previdente.

Vê-se bem como era de uma alta stirpe de capitães, igualmente affecto aos rudes embates das armas e dos homens, affeiçado aquellas e condecorado d'estes, soldado infatigavel, duro para si, observador perseverante e fino, facil em discernir, prompto em resolver.

Quando a morte se lhe aproximou, não o surprehendeu. Encarou-a como quem tanto se habituára a vê-la e affrontal-a ao clarão da metralha.

Entra essa nobre serenidade nas tradições do sangue de Moriana, dez vezes secular. Não

succumbem d'outro modo, em qualquer fortuna, os herdeiros de Humberto o Esforçado e de Manuel Philisberto o Victorioso. Diga-o o invicto Porto, que presencio a agonia e resignação de Carlos Alberto, o campeão desditoso, o espontaneo refugiado!

Descendente de uma longa serie de principes christãos e cavalleiros, o Rei Victor Manuel expirou como cavalleiro e christão, impavido e conforme. E para nada lhe faltar, sobre Elle desceu das alturas do Vaticano a suprema benção do Augusto Ancião, que a magestade da thiara e a dos annos cingem de dupla aureola sobrepondo-o a todas as fragilidades das portias humanas.

MENDES LEAL.

RUY DIAS

— 1510 —

Affonso d'Albuquerque, depois de haver feito esforços sobre-humanos para se conservar em Gôa, viu-se, finalmente, compellido a abandonar a cidade e a invernar no rio. A maioria de fidalgos, cavalleiros e capitães não tinham olhado com bons olhos para aquella empreza de Gôa, porque não podiam alcançar os horizontes que Albuquerque descreminava com a sua vista d'aguia. Os rigores do inverno, a sede, a fome começavam a abalar os animos mais rijos e as murmurações contra o governador principiavam a crescer já com certo desassombro. Uma circunstancia veio ainda indispor e incitar mais os espiritos. As mulheres e filhas dos moiros, que Affonso d'Albuquerque havia mandado matar antes de largar a cidade — por mão do Timoja, tinham sido mettidas por este nas naus onde estiveram occultas algum tempo. O governador, quando soube do facto, teve um dos seus impetos de colera, impetos que faziam empallidecer os mais valentes. Segundo a expressão do chronista, seu secretario, com quem rompeu em maiores excessos foi com os clérigos. Esses deviam saber das relações dos christãos com aquellas moiras « que confessaram os homens que morriam, como lh'o non diziam a elle. » Neste ponto, Affonso d'Albuquerque declarava-se sigilista puro. Frei Domingos de Souza, capellão da sua nau, observava mansamente, que não sabia de christão que se tornasse moiro por bem querer a moira; mas sim de moiras convertidas por causa de christãos.

O governador mandou buscar todas as casadas e donzelas em numero de cento e tantas, das mais formosas e honradas, para as recolher na pôpa da sua nau. Cresceu a indignação contra o governador e não faltou impudente que se atrevesse a dar como pouco virtuosas as suas intenções. Certo numero de homens do povo e do mar haviam-se affeiçado a algumas d'aquellas mulheres a ponto de se casarem com ellas. Esses homens vieram ter com Affonso d'Albuquerque, allegando que legitimamente lhe pertenciam e pedindo que lh'as devolvesse. Folgou o governador com isto, porque o seu grande espirito media o alcance que no futuro podiam ter aquellas alianças. Mas como tinha de jurar sobre a palavra dos interessados, para maior segurança ordenou que ali — diante d'elle — se tornassem a casar. Frei Domingos de Souza dizia que não era aquillo segundo mandamento da igreja. Affonso d'Albuquerque replicava : « É logo — segundo mandamento d'Affonso d'Albuquerque

que. » O padre, apesar dos canones, obedecia.

Um eunicho que ministrava a comida ás moiras e que estava com ellas, avisou Albuquerque que de noite entravam na pôpa da nau alguns homens que elle não conhecia. O governador renovou de vigilancia, fazendo constar que seria rigorosamente punido aquelle que transgredisse as suas ordens. Os fidalgos e cavalleiros — sabendo das disposições em que estava Albuquerque — desistiram, com salutar prudencia, das entrevistas nocturnas. Um d'elles, porém, chamado Ruy Dias, moço de porte gentil, bemquisto dos seus camaradas e bravo como todos os seus companheiros, ou porque fosse mais audaz, ou porque de facto estivesse enamorado d'alguma das captivas, não largou mão da sua fatal empreza. Alta noite atirava-se a nado de bordo da sua nau e vinha até á pôpa da nau do governador trepando pelo leme, e ajudado por mão feminina, entrava na varanda onde estavam as mulheres. Uma noite, Ruy Dias foi visto e reconhecido pelos vigias. Affonso d'Albuquerque ordenou a Pero d'Alpoim, ouvidor, e a Lourenço de Paiva, secretario, que tirassem devassa muito em secreto. O facto foi averiguado com toda a verdade. Era Ruy Dias o culpado. Affonso d'Albuquerque ordenou em seguida a Fernão de Lis, meirinho, que fosse á nau *Flôr da Rosa*, com oito homens da guarda e que enfocasse imediatamente Ruy Dias. Albuquerque estava no chapiteu do seu navio para observar como as suas ordens eram cumpridas. Quando o meirinho entrou, Ruy Dias estava na tolda jogando as tavolas com o capitão Jorge Fogaça, sem ter a mais remota idéa que era aquella a hora da sua morte e morte tão affrontosa.

Fernão de Lis lançou mão d'elle dizendo : « Estai preso da parte d'el-rei! » e por um Cafre seu peão lhe atou um palanco ao pescoco mandando-o guindar e enforcar. N'este lance, Jorge Fogaça deu um salto, deitando mão de uma espada nua para cortar a corda e bradando, fôra de si, a Bernaldim Freire, que estava surto perto da sua nau, que lhe acudisse, que alli enforcavam ao seu Ruy Dias. Bernaldim Freire, com Simão d'Andrade, Fernão Peres seu irmão, e Francisco de Sá saíram logo de lança e adarga no seu esquife, correndo as naus e clamando aos outros capitães, quasi todos predispostos contra Albuquerque, para que acudissem a prohibir aquele attentado, de se garrotar como um cão, um cavalleiro honrado e valente como Ruy Dias. O momento era gravissimo. Quasi todos os capitães, fidalgos e cavalleiros estavam indignados contra o governador cuja contumacia os obrigára a passar terríveis privações durante a invernia, arrebatando-lhes depois as captivas e mandando agora enforcar como a um villão, sem ouvir o seu conselho d'elles, um cavalleiro illustre e sympathetico para todos.

Em tal conflicto se Affonso d'Albuquerque vacila um instante estava perdido. Albuquerque saltou no seu batel, atracou á *Flôr da Rosa*, prendeu Jorge Fogaça, e o *terribil*, como na propriedade de seus epithetos lhe chama Camões, rugindo como um leão, arvorou bandeira na quadra — ao que accudiram obedientes e aterrados os principaes da rebellião. O governador mandou-os pôr a ferros debaixo da coberta. Aquelles homens tão destemidos, que tinham affrontado a morte mil vezes, cegos de furor havia pouco, pareciam mansos como cordeiros, diante da sanha homérica do seu grande capitão!



O CAMINHO DO DEVER

QUADRO DE MERLE

pegava na primeira que lhe vinha á mão, mostrava-a e mettia-a debaixo da porta; era assim que acabava as sentinelas amatorias.

* * *

Deixámos-o anniquilado, pallido, abatido, em cima d'um banco, ao lado da velha que acaba de lhe dar a noticia fatal da prisão da senhora Arnaud. Logo que voltou a si, começou a chorar, e depois, batendo na testa, exclamou : — oh! meu Deus, talvez que as tenham agarrado a todas! Levanta-se como doido, uma força sobrenatural galvanisa-lhe o corpo tão debil, dirige-se para o tribunal com a cabeça perdida, o coração a arrebentar, os cabellos arrepiados, sem pensar em quanto era arriscado, para elle e para elles, o passo que ia dar. As cinco mais amadas, desenham-se-lhe na imaginação com as caras desfeitas em lagrimas, infamadas já pelo contacto do carcereiro, e devendo sê-lo em breve pelo do carrasco; chega, já sem poder consigo, ao tribunal e começa a bater argoladas na porta.

Brutus, numa só noite, tinha feito uma grande pesca; as dez namoradas de Paulo Janquard, sobre saltadas durante o sonno, tinham sido agarradas e arrastadas á prisão, no meio de quatro soldados. Pela manhã, o juiz do tribunal revolucionario, que tinha dado ordem para as reunirem todas na mesma salla, foi ter com elles. Ellas ficaram com medo ao vérem o modo sinistro por que as examinava aquelle olhar de hyena.

— Então, cidadãs, perguntou elle, com uma voz desabrida e afflautada, em que empregavam o tempo?

Uma d'ellas respondeu :

— Cidadão, no arranjo das nossas casas.

— E a chegarem á janella, quando assobiavam na rua, continuou Brutus, zombando estupidamente.

As dez mulheres que tinham quasi a mesma idade (a mais velha poderia ter trinta annos e a mais nova dezesete) olharam umas para as outras espantadas.

A mais corajosa de todas, a senhora Arnaud, jovem viúva de vinte e seis annos, disse :

— Que mal pôde haver em chegar á janella, tomar ar tambem é ser conspirador?

— Tenho, proseguiu Brutus, com um modo que lhe parecia a elle solemne, informações acerca de cada uma das senhoras; sei muito bem que são realistas e que juraram que se haviam de casar, quando a republica fôr abajo. Hei de casal-as mas ha de ser cá a meu modo.

As palavras sinistras de Brutus pareceu-lhes que encerravam uma sentença de morte. Trémulas sob a impressão d'aquelle ironia atroz que as penetrava como um sopro gelado, aperavam-se umas contra as outras por um movimento instinctivo de conservação. Brutus dilatava alegremente as ventas e arregalava os olhos. O monstro divertia-se immenso!

— Ora pois, cidadãs, compadeço-me da vossa sorte, disse elle. Se acharem um marido imediatamente dou-lhes a liberdade e perdoó-lhes. Ha de ser assim : as que indicarem já um cidadão que queira desposal-as hoje mesmo, sairão d'aqui para irem ao conselho municipal, e de lá para suas casas. A medida que fôrem dizendo um nome, mandarei chamar a pessoa; se aceita a proposta, tem liberdade completa;

se recusar, terá o julgamento esta noite, e a morte amanhã. Cada uma vae escrever um nome n'um pedaço de papel, que me ha de ser entregue, bem dobrado, para eu ler em voz alta.

Brutus distribuiu dez pedaços de papel. Cada uma d'ellas escreveu um nome.

Brutus desdobrou o primeiro, e disse :

— Paulo Janquard, negociante.

Desdobra o segundo, e diz :

— Paulo Janquard, negociante.

Lê oito vezes mais o mesmo nome.

Imaginem, se fôrem capazes, o pasmo d'aquelas dez mulheres!

N'aquelle mesmo instante, entra um carcereiro, e diz a Brutus, que um homem quasi doido fazia uma bulha infernal á porta da prisão, e que pedia com uma voz abafada que lh'a abrissem. Brutus ordenou que o trouxessem á sua presença.

Esse homem chega esbaforido á salla onde estavam as dez mulheres, entra e fica com os braços levantados.

— Paulo Janquard, gritaram todas ao mesmo tempo!

— Ah! é este o ditoso Paulo Janquard, diz, com uma certa alegria, o horrendo Brutus.

— Isto é uma horrivel mystificação, exclama Paulo Janquard, pallido como um morto, ao reconhecer as suas dez namoradas!

A arrebatada viuva Arnaud vae-se ao Janquard e diz-lhe :

— Tambem andava a assobiar aqui a estas senhoras?

Uma gargalhada universal, á qual Brutus ajuntou uma especie de miadura alegre, festejou a phrase da senhora Arnaud.

— Cidadãs, disse Brutus, Paulo Janquard não pôde casar-se com todas perante o conselho municipal. A lei oppõe-se a isso; mas a lei só proíbe a polygamia dos vivos; quanto á dos cadaveres... não sei se me entendem.

Ninguem mais se tornou a rir!

Paulo, ajuntando as poucas forças que lhe restavam, ameaça com o punho cerrado Brutus, e diz-lhe : miserável, tambem queres beber o nosso sangue!

— Concedi-te oito dias de vida, cidadão, hei de cumprir a minha palavra, respondeu-lhe Brutus com um modo desembaraçado. Vás agora com aquelle homem (e mostrava-lhe o esqualido carcereiro de cabellos ruivos) para aquella salla que fica ao lado d'esta; d'alli poderás assobiar aos pintarróxos; poupo-te sete horas de trabalho por dia e nem assim me agradeces?

Paulo estava suffocado pela colera. Não se atrevia a olhar para aquellas dez mulheres consternadas; estava com febre quando se deitou sobre o pobre catre que lhe deram para cama.

Durou-lhe aquelle delirio dois dias. Depois de uma noite-horrorosa, acalmou-se um pouco; assobios ironicos retiniam-lhe aos ouvidos; ouvia vozes de mulheres, cantando e gritando alegres; por fim percebeu estas palavras :

— Eu cá, se elle escapar, caso com elle.

E aquillo era dito no quarto proximo, que ficava separado do d'elle apenas por um tabique.

O carcereiro entrou; Paulo sentando-se na cama, disse-lhe com uma voz muita fraca : quantos são hoje do mez?

— Estamos a dezeseis do thermidor.

— Está bom, disse Paulo, é hoje o dia em que hei de morrer.

— Não morres, cidadão, nem hoje nem amanhã, disse o carcereiro.

Senhor Paulo Janquard, gritou do outro quarto uma voz de mulher, como está? Sou eu, Lucia Arnaud, que lhe estou a fallar. O senhor está livre!

— Que sonho é este, diz Paulo!

— No pateo gritavam : Viva a Republica! Morreu Robespierre! Abaixo Brutus!

Ouvio um grande ruido de chaves dando voltas nas fechaduras. As dez mulheres entraram no quarto de Paulo, que julgava que o sonho continuava.

— Ande lá, senhor Paulo, disseram elllas, levante-se, está livre, e tenha mais juizo.

Lucia Arnaud ajudou-o a sentar-se melhor na cama. Então Paulo, com os olhos rasos de lagrimas, disse-lhes :

— Durante trez mezes fôram os meus anjos! Quer (voltando-se para Lucia) quer ser o meu anjo da guarda durante a minha vida?

— Mas o seu unico anjo da guarda; não tem bastante com um só?

— Agora sim, que já não quero morrer.

D'ahi a dois mezes, Paulo Janquard, robusto e córdo, casava com Lucia Arnaud, que não julgou conveniente convidar para a boda nenhuma das suas rivais; tinha medo da excessiva sensibilidade do esposo.

L. MÉRY

ROMA — ANTIGA E MODERNA

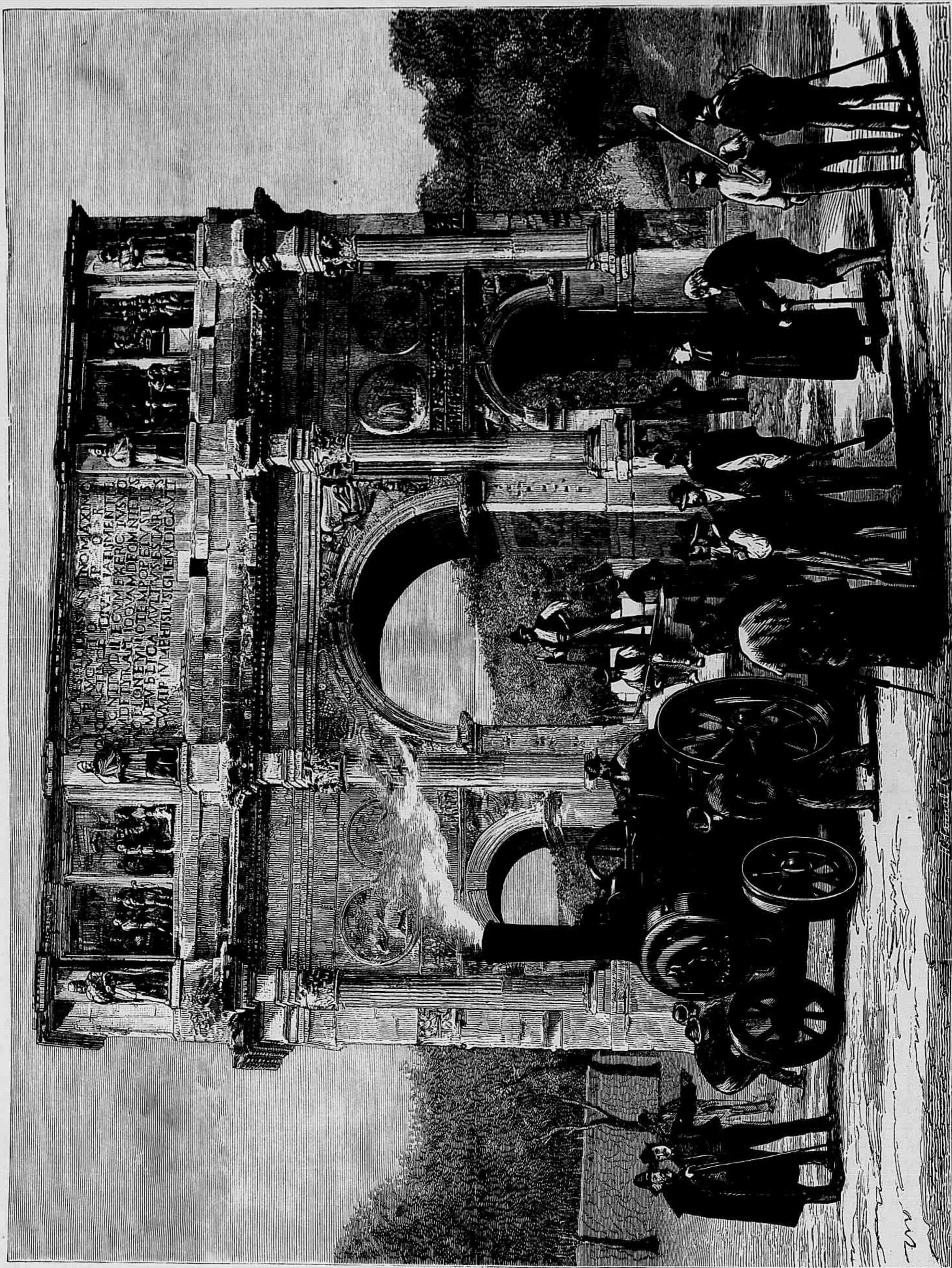
Temos alli um d'esses contrastes tão frequentes na Moderna Roma — contrastes entre o passado e o presente, entre o mundo velho e o novo, entre o Arco de Constantino, e aquella horrenda e ruidosa invenção d'estes ultimos tempos, — uma machine de tração acarretando pedras para um edificio moderno. Para se fazer aquelle Arco não foi preciso empregar-se o vapor, e hoje com todos os recursos modernos, não somos capazes de produzir um monumento tão formoso. Poderemos, por ventura, comparar o Arco de Wellington de Hyde Park de Londres, o Brandenburger Thor de Berlim, ou mesmo o Arco de Triunpho de Paris, áquelle obra antiga?

O Arco de Constantino está na *Via Triumphalis* que vae do Coliseu á *Via Appia*. — Foi feito para comemorar a victoria de Constantino contra Maxentius, e é um dos mais imponentes monumentos da *Cidade Eterna*, com quanto recorde o principio da decadencia da arte antiga, por ser composto de fragmentos tirados de um dos Arcos de Trajano, provavelmente do que ficava perto do Templo de Marte.

A DEFEZA DA BANDEIRA

Este quadro é uma composição alludindo á actual guerra do Oriente. Como estamos na esperança de que quando publicarmos o proximo numero, já se tenha feito a paz entre a Russia e a Turquia, por isso o escollhemos para rematar a serie das gravuras da Guerra do Oriente.

Um Russo e um Turco disputam a posse da bandeira que está por terra debaixo dos pés do Russo. Servem



ROMA, — ANTIGA E MODERNA — UMA MACHINA DE TRACÇÃO PASSANDO DEBAIXO DO ARCO DE CONSTANTINO.



A DEFESA DA BANDEIRA
QUADRO ALLUDINDO Á GUERRA DO ORIENTE

de pedestal a esta allusão, os mortos, os feridos, os estropiados e os engenhos de destruição. O espetáculo é pouco animador ainda que verdadeiro. Desde que o homem foi homem sempre se deram d'aquellas scenas. E provavelmente, enquanto os metaes fôrem malleáveis, a agua líquida, a madeira combustível e o mundo fôr mundo, hão de se repetir sempre.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

CONFERENCIAS CELEBRADAS NA ACADEMIA
REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

TERCEIRA CONFERENCIA. *Ultramar. Theorias na metropole, practicas na Africa*, pelo socio efectivo JOSÉ MARIA DA PONTE E HORTA.

O distinto engenheiro e professor da Escola Polytechnica foi governador de algumas das nossas importantes possessões ultramarinas. Como quem vio de perto, estudou e se compenetrou das necessidades daquelles territorios em que nós arvorâmos o nosso domínio, tracta o Sr. Horta da questão colonial. É uma leitura a recommendar a todos os que se dirigem para a Africa portugueza, com o encargo de quaequer funções officiaes. O futuro desenvolvimento e prosperidade das nossas colonias de alem-mar depende principalmente da intelligencia com que se estudar e practicar a colonisação segundo as varias condições de clima, produção, povoadores, e relações politico-commerciaes com a metropole.

Herculano e Michelet, poemeto por JAYME VICTOR.

A poesia a Alexandre Herculano foi recitada pelo actor Brazão no theatro de D. Maria 2^a, na noite de 4 de dezembro.

O author imprimiu conjunctamente uma poesia dedicada a Michelet.

São dois poematos inspirados de paixão democratica, tendo bellas e vigorosas estrofes, mas em que se não encontra qualquer nota poetica verdadeiramente nova.

O poeta parece seguir as pizadas de Guerra Junqueiro, o que dá aos seus versos o tom opaco do imitador. Se nos é lícito emitir um conselho, desejariamos que elle se desprendesse de qualquer convenção, e seguisse sempre a sua propria tendência. Devemos porém dizer que a poesia a Michelet nos pareceu superior á poesia dedicada á memoria de Herculano.

Rumores vulcanicos por TEIXEIRA BASTOS.

É um volume de poesias dividido em trez livros, cujos titulos são : *Ecos Philosophicos*, *Lavas da Revolução e Auras do Porvir*.

Mal tivemos ainda tempo de relancear os olhos por este volume, de percorrer rapidamente algumas poesias, e ficámos julgando que este livro tinha um extraordinario merecimento. Este livro é a estreia litteraria do seu author, mas é uma brilliantissima estreia. Tem o calor entusiasta da mocidade e ao mesmo tempo conhece-se que o pensamento do jovem poeta está já bastante amadurecido. Lendo-se as primeiras poesias figura-se-nos que encontramos um descendente de Lucrecio, e que o author pertence litterariamente á familia do grande poeta latino. Uma grande, profunda e philosophica comprehensão da natureza!

As duas partes restantes do livro não nos desmerecem o primitivo conceito; mas ha nelas menos originalidade. Muitas delas pertencem francamente á escola da moderna poesia reformadora, e ha nelas muitas semelhanças e pontos de contacto com outros poetas.

Algumas poesias recordam-nos vivamente as *Odes modernas* do illustre escriptor, o Sr. Anthero de Quental e vê-se-lhe quasi directamente a filiação. Certamente tomar por mestre e modelo o distinto pensador, que marca uma era na transformação da nossa litteratura, não é um defeito que a critica possa avultar, mas em todas as obras de arte, conhece-se melhor o valor do artista ou do escriptor quando artista ou escriptor é *elle mesmo*, e quando a sua individualidade se afirma de uma maneira distinta.

Parece-nos não nos illudirmos affirmando que o livro do Sr. Teixeira Bastos é uma obra que ha de ficar na nossa litteratura, e que nos veio revelar um talento tão notável quanto modesto.

JOÃO TEDESCHI.

VARIEDADES

A média das cartas que se expedem por dia, no mundo inteiro, é de 4,320,000 ou 180,000 por hora.

* *

ESTATISTICA DO CORREIO DE FRANÇA. — Eis o numero dos objectos que fôram confiados ao Correio de Paris e da França durante o anno findo. Deve notarse que nos quinze dias que precedem e nos quinze que começam o anno novo, o numero de cartas e bilhetes de visita expedidos equivalem á quarta parte da somma total.

Só em Paris :

Cartas.....	84,557,000
Objectos franqueados	9,034,000
Jornaes, amostras.....	202,227,000
Objectos registados	1,560,000
Vales	811,000

Em toda a França :

Cartas.....	360,725,000
Objectos franqueados	56,584,000
Jornaes, amostras.....	375,914,000
Objectos registados	6,811,000
Vales	5,983,000

O expediente do correio de Paris é mais importante do que o da Belgica e Suissa reunidos.

* *

Segundo o relatorio publicado pela sociedade que vende carne de cavallo, ha actualmente em Paris 61 açouques d'aquella carne, os quaes, em 1877, venderam 10.719 cavallos, burros e mulas, pezando liquido 1.969.490 kilos de carne. Em 1876, o numero d'estes animaes foi de 9.271.

* *

O numero de exemplares de jornaes impressos e vendidos na Alemanha sobe a dois mil e trezentos milhões por anno. Em 1875, o numero de exemplares de jornaes estrangeiros, entrados e distribuidos na Alemanha foi de quatorze milhões.

* *

Extrahimos du *Bureau-Veritas* de 1877-1878 alguns algarismos sobre o estado actual da marinha mercante das diversas nações.

O numero de navios de vela sobe a 51.912, medindo

14.799.130 tonneladas; e o dos vapores a 5.771, medindo 5.507.690 tonneladas.

De 1872 para cá, os navios de vela diminuiram de 56.527 que eram ao numero actual; mas a tonnelagem, não obstante augmentou de 230.000 tonneladas pouco mais ou menos. Por outro lado, a marinha a vapor augmentou o numero dos seus barcos de 4.335 a 5.471, e a sua tonnelagem, de 3.680.660 a 5.507.690.

A Inglaterra conserva a sua preponderancia marítima. Possue 17.765 navios de vela, medindo 5.526.930 tonneladas, e 3.103 vapores, medindo 3.283.916 tonnelados isto é dois terços da marinha mercante do globo.

Os Estados Unidos são a segunda potencia marítima, mas não tem mais do que 542 vapores.

* *

UMA GRANDE PARTIDA DE XADREZ. — OITO PARTIDAS SEM VER. — No dia 10 de fevereiro proximo haverá em Paris uma partida de Xadrez, jogada pelo Sr. Rosenthal contra oito parceiros. São oito partidas jogadas ao mesmo tempo, de costas voltadas, sem ver os taboleiros. Os adversarios não são uns parceiros quaequer. São quasi todos jogadores de primeira ordem.

Morphy foi o primeiro jogador que, ha vinte annos, executou um tal prodigo. Desde então nunca mais se viu semelhante coisa em Paris. Um tal esforço de memoria deixa a pedir de vista o exemplo de Cesar dictando varias cartas ao mesmo tempo. A unica coisa de que se pode receiar n'um caso d'estes, é que o sujeito cuja intelligencia seja submettida a uma prova tão difícil, não caia ferido por uma congestão cerebral. Mas o Sr. Rosenthal está preparado ha já muito tempo para este grande combate, e já se tem exercitado com exito n'este jogo em varias sallas particulares.

* *

Começou-se a empregar a electricidade nos Estados Unidos para se accender os lampiões das ruas. Em Rhode-Island, accendêram-se 220 bicos de gaz, n'uma extensão de dez kilometros, em quinze segundos. Basta um homem para todo este trabalho.

* *

A mãe de um pequeno que se fartava de fazer diaburas, manda-o para um quarto escuro, de castigo. Durante uma hora o pequeno fez um tal berreiro na prisão para onde o mandaram, que parecia que ia tudo abaixo. Afinal callou-se. A mãe vai ter com elle e pergunta-lhe :

— Então, já te callaste, já estás cansado de chorar?

— Nada não, mamã. Tenho estado a descansar.

E começou a berrar outra vez, com mais força ainda.

* *

Dois amigos debaixo da arcada do Terreiro do Paço, em Lisboa :

— Já, jantaste?

— Já porque?

— Porque quero convidar-te a vires tomar café co-migo.

— Não posso, porque tenho que ir para a repartição d'aqui a uma hora. Temos serão esta noite.

— Pois por isso, tens tempo. Anda, vamos lá.

— Nada, não vou. Se tomo café, depois não posso dormir na repartição.

Proprietary-Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — J. QUANTIN et C°, rue St-Benoit. [92]

Papel de maison Firmin-Didot et Cie.

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pelle.—Pôs de CYPRIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISMO

Medalha de Prata

Havre, 1868

MEDALHA DE OURO

Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA

Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas Ambulancias e hospitais militares,

Pela marinha nacional francesa e pela marinha real Inglesa, etc., etc.

“ Conservar á mostarda todas as suas propriedades obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado.” (A.) Bouchardat, *Anuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos fregueses que se acantem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o papel Rigolot para sinapismos. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, e militares, a bordo dos navios do Estado. E além disto o único premiado nas exposições universaes tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigolot deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma. — *F. Rigolot.*

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.

Paris.

Depositos : No Rio de Janeiro, Dupontelle, em Pernambuco, Maurese e Cia.

FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)

Ferro liquido em gotas concentradas

UNICO ISENTO DE ACIDO

Sem cheiro nem sabor.

Com este ferro dizem todas as summidades medicas da França e da Europa, nem diarrheas, nem cansaco de estomago; alem d'estas vantagens, tem a de nao ennegrecer os dentes.

UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS

3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALFAMENTO, NEVRALGIAS, FRAQUESA DAS CRIANÇAS, ETC.

É o mais economico dos ferruginosos, pois um frasco dura mais d'un mes.

R. BRAVAIS et Cia, 13, rue Lafayette, Paris
E EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

MANUFACTURA DE PRODUCTOS CHIMICOS

PRUDON & Cia

Fornecedores da Imprensa Nacional, do Banco de França e dos principaes jornais de Paris

IVRY-PARIS

(gare prolongée)

TINTA PRETA E DE OUTRAS CORES

Para impressões typographicas e lythographicas ordinarias e de luxo.

MEDALHAS NAS EXPOSIGES

Lyon 1872 — Paris 1872 — Vienna 1873.

Paris 1875.

CATAPLASMA LELIÈVRE INSTANTANEA

APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

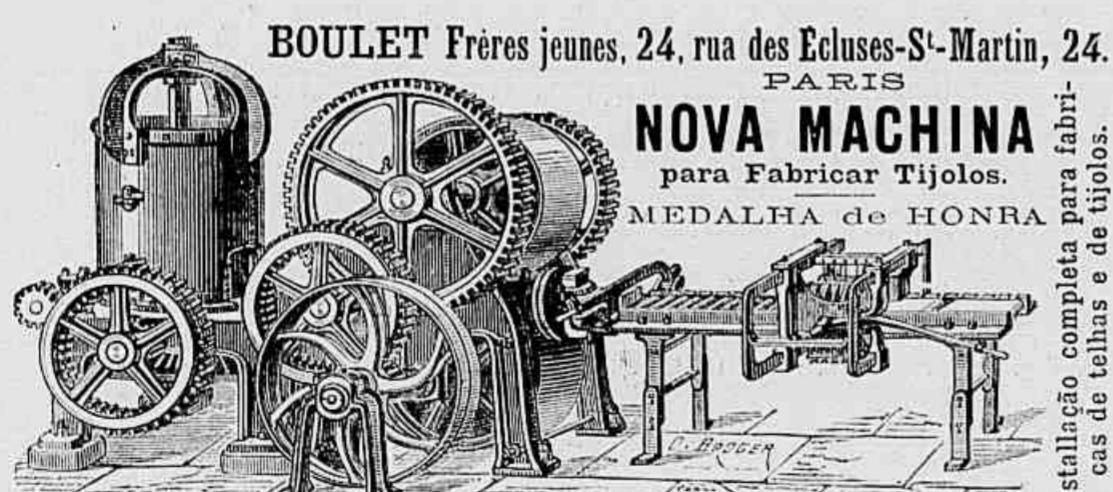
Adoptada pelo Ministerio da Guerra, pelas Ambulancias e Hospitais e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada.

PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emoliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego, não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO :

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho : em todas as Pharmacias.



Expedição franco de Catalogos illustrados a quem os pedir por carta franqueada.

NOVA MACHINA

para Fabricar Tijolos.

MEDALHA de HONRA

Installação completa para fabricar de telhas e de tijolos.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE
XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado a Academia de Medicina de Paris e privilegiado em 1840. Recomendado ha mais de meio século pelos mais celebres Doutores de Paris, como um especifico infallivel contra :

GOTTA E RHEUMATISMOS

Alivia instantaneamente as dores e cura radicalmente.

EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO
DEPOSITO GERAL : Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE

Pó de Toucador

IMPALPABEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avellulado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — sem borla.

A venda nas principaes lojas de perfumarias.

MEDALHA DE PRATA
Exposição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO

da

PHTISICA PULMONAR

Em todos as graos e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta

POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAICUM

Experimentado pelo Dr LAVAL e adoptado nos Hospitais de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1^a CLASE

Paris — 2, rue Drouot, 2. — Paris.

O Silphium administra se em Granulos, Tintura e em Pô.

Em Rio-Janeiro : Ruffier-Martelet e Cia. — Em Bahia : Lima Irmaos e Cia. — Em Pernambuco : Bartolomeo e Cia.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabello uma cor natural, destroce a caspa e conserva o caseo n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas também um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14